

Mobilidade, turismo e diversidade em Maria da Fé/MG: Determinantes de permanência

Mobility, tourism and diversity in Maria da Fé/MG: Determinants of permanence

ANDREA LEANDRO * [andreatino@hotmail.com]

SÊNIA BASTOS ** [senia@anhembimorumbi.edu.br]

Resumo | Esse artigo tem por objetivo identificar e analisar de que modo o turismo influencia a mobilidade em Maria da Fé – MG e até que ponto constitui um elemento de fixação de migrantes na comunidade. Do passado agrícola ao desenvolvimento da atividade turística, como solução à crise da monocultura nos anos 1990, busca-se entender os fatores que motivam a mobilidade e a fixação de migrantes na cidade. A metodologia eleita para esse estudo é a história oral, entretanto observação direta e pesquisa bibliográfica complementam o *corpus* da pesquisa. A mobilidade é analisada no campo dos movimentos migratórios. Diversidade e alteridade são apontadas como possíveis fatores de fixação de migrantes nesta localidade.

Palavras-chave | Mobilidade, turismo, diversidade, permanência, Maria da Fé/MG.

Abstract | This article aims to identify and analyze how tourism influences mobility in Maria da Fé - MG and to what extent it constitutes an element of migrant settlement in the community. From the agricultural past to the development of tourism, as a solution to the crisis of the monoculture in the 1990s, the objective of the present study is to understand the factors that motivate the mobility and the settlement of migrants in the city. The methodology chosen for this study is oral history, however direct observation and bibliographic research complement the corpus of the research. Mobility is analyzed in the field of migration movements. Diversity and alterity are pointed out as possible factors of migrant settlement in this locality.

Keywords | Mobility, tourism, diversity, permanence, Maria da Fé/MG.

* **Mestre** em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM).

** **Doutora** em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), **professora** do Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi (UAM).

1. Introdução e procedimentos metodológicos

Na mesma época em que a pesquisa sobre hospitalidade, mobilidade e permanência em Maria da Fé ¹ estava sendo desenvolvida, a cidade foi apontada como destino indutor de atividade turística e sua população desejosa do desenvolvimento da atividade turística (Emmendoerfer, 2014).

A atividade turística na cidade começou a se desenvolver nos anos de 1990, conjugada a uma crise na agricultura local reconhecida como a crise da batata. Orquestrada como alternativa para sua recuperação econômica, o turismo pautou diversas iniciativas nessa localidade e a pesquisa sobre os movimentos migratórios propôs-se a investigar se os migrantes que começaram a se estabelecer na cidade, naquela época, buscavam-na também em razão do turismo e, nesse sentido, averigua o papel do turismo nos deslocamentos desencadeados em Maria da Fé.

Os dados e informações que documentam o presente artigo advêm da observação direta, pesquisa bibliográfica e documental e realização de entrevistas, a partir da metodologia da história oral. Por se tratar de tema contemporâneo, a história oral se afigurou como a melhor escolha, inclusive porque as narrativas e vivências das pessoas demonstram como se dá o encontro entre os “de fora” e a comunidade de acolhimento que é o elemento vivo e pulsante desse trabalho. Embora, não fossem as únicas fontes, as narrativas dos entrevistados tiveram papel de destaque em razão de esse fenômeno estar acontecendo, nesse momento histórico, nessa comunidade específica.

Outra questão importante foi a seleção dos entrevistados (*outsiders* e comunidade), conduzida pelos objetivos do estudo e pela importância das experiências vividas por eles. Ou seja, no que se refere aos objetivos desse estudo, os sujeitos foram selecionados tendo-se em vista a significância dos

depoimentos (Rouchou, 2008).

No que tange às entrevistas com os migrantes, buscou-se compreender o quê os levou a se deslocarem para essa cidade e mais do que isto, qual foi o mote que os fixou a essa terra. Quanto ao tipo de entrevistas, há que se chamar atenção para o fato de que essas foram ao mesmo tempo temáticas e, por vezes, histórias de vida e transcorreram de modo natural. Segundo Alberti (2013, p.48) as entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse, o próprio indivíduo na história.

A metodologia tornou o contato com os dois universos, uma experiência antropológica de inegável valor acadêmico. No caso dos entrevistados (migrantes), apontou-se como eixo sua biografia e sua experiência migratória (mobilidade e suas justificativas). Foi ouvida também a comunidade anfitriã. Essa oitiva teve como eixo central, fatos presenciados ou conhecidos sobre a mobilidade humana ali presenciada e como se deu o encontro com as diferenças (diversidade).

As informações geradas durante a pesquisa de campo foram classificadas de modo a compor uma linha de raciocínio que favorecesse a compreensão e sistematização dos dados coletados de forma coerente com o tema analisado. A observação direta foi outro importante instrumento que permitiu a visualização de como se davam os movimentos migratórios, suas justificativas e diante da diversidade, como se dava o encontro entre os dois universos.

¹A discussão apresentada nesse artigo integra a dissertação de mestrado “Hospitalidade e movimentos migratórios contemporâneos no município de Maria da Fé/ MG (1990-2015)”, apresentada como requisito para obtenção do título de mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi.

2. Do passado agrícola ao desenvolvimento da atividade turística

A história da cidade com nome de mulher tem seu início no século XIX, uma vez que o Sertão da Pedra Branca, hoje sul de Minas Gerais, começou a ser povoado no final do século XVIII. Com o esgotamento das minas de ouro, os bandeirantes vindos de terras distantes, começaram a buscar terras para a agricultura como atividade alternativa à mineração.

O clima nos campos de altitude era saudável, porém com muito frio no inverno. As terras frias não eram adequadas para o plantio de milho e feijão, no entanto, eram apropriadas para o plantio de batata e trigo, daí a cidade ter sido a maior produtora de batata do Brasil.

Segundo Prado Júnior (1965, p.193) a mobilidade de populações de centros mineradores em direção às áreas de atividades alternativas rentáveis durante a crise mineradora do fim do século XVIII, se intensificam nesse período. Dentre as alternativas econômicas o autor chama a atenção para a pecuária e como destino da população migrante, aponta para o sul de Minas Gerais. As características que deram força atrativa dessa região, nesse período foram: abundância de água e fios d'água perenes, os campos de altitude sempre verdes (pastagem natural) e pluviosidade regular.

Nessa medida, as culturas agrícolas integravam as aspirações dos anônimos povoadores, responsáveis diretos pelo desenvolvimento das terras sul mineiras. No dia 27 de junho de 1859, Campos de Maria da Fé tornava-se oficialmente distrito de Cristina reconhecido na Província de Minas Gerais.

Ao apresentar como principal atividade de subsistência as culturas agrícolas, a antiga localidade passou a oferecer boas condições de estalagem para os tropeiros viajantes. Situada numa área estratégica de entrecruzamento de diversos caminhos e rotas, logo se instalou a Estrada de Ferro Sapucaý 6, cujos principais objetivos residiam no desenvolvimento econômico, por meio da circula-

ção de mercadorias e pessoas.

Posteriormente ao movimento emancipatório, iniciou-se uma série de obras de infraestrutura, cujas principais frentes objetivaram dinamizar os serviços de atendimento à população e resultaram no desenvolvimento local: aberturas de ruas e de novas estradas; construções de praças, sistemas de água, eletricidade e construção de escolas.

Articuladas a esse panorama de prosperidade, as lavouras de batata despontavam como principais responsáveis pelo crescimento socioeconômico do município. Grande parte dos moradores da região estava envolvida com a cultura da batata, que contemplava as etapas de plantio, colheita, armazenamento e distribuição do produto.

A produção atingiu seu apogeu nas décadas de 1970 e 1980, época em que Maria da Fé se tornou a maior produtora de batatas no território nacional com o volume anual de 46 mil toneladas. Entretanto, no início dos anos 1990, observou-se acentuada crise na cultura desse gênero, tendo em vista a conjugação dos seguintes fatores: sucessivas pragas nas sementes utilizadas para o plantio, cortes sistemáticos nos investimentos governamentais, dificuldades oriundas da baixa mecanização no campo e competitividade com outros mercados no cenário nacional (Santa Catarina) e internacional (Argentina).

Motivado, o povo mariense não se deixou abater e junto ao poder público buscou alternativas que pudessem minimizar os efeitos da crise e novamente movimentar a economia local. Como contingência à crise no setor agrícola que abalou profundamente a economia local, buscou-se um projeto para o desenvolvimento da atividade turística na cidade, uma vez que esta, por seu clima de montanha, baixas temperaturas (segunda cidade mais fria do Sudeste) e a nascente cultura da oliveira (novidade à época no Brasil) demonstrava aparente vocação para essa atividade econômica.

Ações destinadas a viabilizar o turismo nessa localidade foram estimuladas pelo Governo do Estado de Minas Gerais, com o suporte do Serviço

Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), integrando o Município ao projeto Minas Recebe² enquanto alternativa de recuperação de sua economia. Também foram implementados com apoio do SEBRAE e Mãos de Minas, nasceu o Gente de Fibra detalhado a seguir.

O Gente de Fibra se inscreve nos planos emergenciais de socorro à economia, implementado pelas secretarias de turismo local e estadual visando a valorização da cultura e da arte o Município. O Gente de Fibra ainda se mantém em atividade pois, de acordo com o entrevistado E5, a simplicidade, que é um expoente da identidade cultural da cidade, foi preservada.

O projeto gente de fibra aconteceu paralelo a um projeto de estímulo ao turismo rural. Quando eles chegaram a Maria da Fé, o SEBRAE e o Mãos de Minas que é uma associação que tem mais ou menos 7 mil artesãos. Veio gente de lá pesquisar o que havia de artesanato para oferecer para o turista, então eu comecei a frequentar essas reuniões, o que tinha aqui era bordado, ponto cruz, não tinha uma coisa pura na origem. Muita coisa se perdeu, técnicas antigas de artesanato... Eles vieram resgatar isso. Então eu disse: aqui tem muita bananeira. Eu dei a ideia de fazer um artesanato contemporâneo porque eu já trabalhava com o papelão. Então começamos o Gente de Fibra, que eu nunca pensei que fosse virar o que virou. Nós nos organizamos para existir juridicamente. Então o Gente de Fibra começou assim (E5, mariense, entrevista 27/05/2015).

A cidade passou a receber turistas curiosos

com os invernos rigorosos e esse movimento se incrementou com o interesse na cultura da oliva³. Todavia, de acordo com o entrevistado E5, não houve um cuidado com a cultura local e com o planejamento da atividade:

A batata já tinha decaído e esses projetos vieram para dar um up na cidade. Os projetos iam muito bem, mas não enraizavam, não tinham sequência. O turismo, por exemplo, não deu certo porque eles chegaram querendo mudar muito. Tinham que preservar as coisas puras de origem, sem interferir na arquitetura das fazendas, nos costumes, não pode radicalizar. Tem que ter um cuidado. Esse radicalismo pode impactar na cultura e aconteceu isso. Intimidaram as pessoas da zona rural e o turismo rural não deu certo. As pessoas de fora tem que perceber que estão chegando num lugar onde reina a simplicidade. Não tem que interferir nisso. Esse choque assustou muito. Mas a simplicidade é um conceito poético, às vezes basta um toque. Eles vinham, traziam aquelas coisas e iam embora, então perdeu o fio condutor. (E5, mariense entrevista 27/05/2015).

A recuperação da economia por meio de um projeto turístico não alcançou o êxito esperado pela população, pois como se infere do depoimento de E5, a cultura local não foi preservada: *“As pessoas do campo sentiram-se intimidadas, houve um choque, porque os dirigentes do projeto, da Secretaria de Turismo do Estado E SEBRAE traziam as ideias e depois partiam, perdendo a continuidade no trabalho”.* (E5, mariense entrevista 27/05/2015).

Com a falta de recursos financeiros para a

²O projeto Minas Recebe é um programa do governo do estado de Minas Gerais cujas iniciativas são no sentido de buscar qualidade, seriedade e compromisso das empresas de receptivo no estado.

³A oliva foi introduzida no Município em 1933, pelo português Emídio Ferreira dos Santos (GUATIMOSIM, 2012. p. 18).

abertura de hotéis e pousadas, as casas de alguns dos ex-produtores de batata tornaram-se meios de hospedagem como alternativa de sobrevivência. Incentivados pelo Sebrae, hospedavam os turistas em suas casas, oferecendo-lhes acomodação e café da manhã (*bed and breakfast*), algo inovador num estado cheio de tradições, como Minas Gerais. Segundo E5, a cidade é incrivelmente aberta ao novo, no entanto, estar aberta ao novo, não significa que a população se abriria rapidamente a todas as possibilidades de recuperação de sua economia. Segundo pessoas da comunidade, ao tempo da implementação do projeto em Maria da Fé, o maior contingente de visitantes era de mineiros do Sul do Estado e, logo se percebeu que a novidade não havia agradado.

Começaram a surgir algumas pousadas bem como a diversificação do público, pois o município passou a receber pessoas de diversas cidades do Brasil e principalmente dos grandes centros, principalmente de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

Nosso público alvo é turista do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, então todo nosso empenho é direcionado a essas pessoas. O público que vem de fora é que nos conhece, que é mais aberto para ter contato com a natureza, com a espiritualidade, com alimentação saudável. O mineiro não vem porque é diferente, fala que é simples, mas não é. Ele é muito exigente, mas é muito pão duro. O paulista que viaja, não quer luxo, mas ele quer conforto e sabe quanto custa uma diária. O carioca fala muito, chora, mas paga (E6, outsider, entrevista 19/05/2015).

Postula-se que as alternativas instituídas não alcançaram êxito porque os estudos prévios sobre a vocação turística do município estavam ligados

ao contexto emergencial, no entanto, havia uma questão importante a ser levada em conta: o limite da atuação do poder público. Um projeto turístico demanda também investimentos da iniciativa privada, sua falência em decorrência da crise agrícola dificultou seu envolvimento nesse programa. Infere-se que o projeto turístico pré-moldado, trazido como contingência não obteve êxito porque um dos principais *steakholders*, ou seja, um dos atores envolvidos no processo (a população), não recebeu a devida atenção.

Também concorreu ao fracasso o fato das pessoas designadas pelo SEBRAE e pela Secretaria de Turismo de Minas Gerais (SETUR) para implementar os projetos não perceberem que deveriam trabalhar no ritmo da comunidade. Há ainda, segundo E5, “certo provincianismo”, que pode ser traduzido como bairrismo, porque “os locais” olhavam com desconfiança os “de fora”, ratificando a legendária “desconfiança do mineiro”.

Qualquer coisa nova que é posta a prova o Mariense absorve. Tem que insistir com o mariense. Muitas pessoas chegam e querem empreender algo e desistem porque não sabem esperar as coisas acontecerem. Acho que a pessoa perde a motivação por conta do provincianismo porque as pessoas da cidade olham com desconfiança, por pensar que só quem é da cidade pode empreender. A cidade é fechada, as pessoas vão embora. Já aconteceu muito isso. Infelizmente existe um certo preconceito nesse sentido (E5, mariense, entrevista 27/05/2015).

Embora apontada como destino indutor de atividade turística (Emmendoerfer, 2014), a população não apresentava condições financeiras para empreender e a atuação do poder público atingira seu ponto de estagnação. Assim, embora a população desejasse o desenvolvimento dessa atividade,

aguardava que “os de fora” a impulsionasse.

A estratégia do Município de alterar sua vinculação a um novo circuito tampouco concorreu para minimizar esse quadro desolador. O estatuto sob o qual foi instituído o modelo dos circuitos do estado de Minas prevê que os membros (cidadãos) associados podem se desligar do circuito ao qual pertencem, inclusive as prefeituras. E foi o que aconteceu. Maria da Fé, que já pertenceu ao circuito Caminhos do Sul de Minas, hoje pertence ao Circuito das Águas por questões políticas, uma vez que, por suas características culturais, não se enquadra nesse grupo. O entrevistado E2 revela a posição do mariense:

Eu fico um pouco apreensivo com questão política, porque não têm esse mesmo coração aberto [...] Tinha tudo aqui. E de 15 anos pra cá, acabou tudo. Não foi a crise da batata, mas sim a crise política da cidade. Tinha um turismo em expansão [...] Chega o prefeito e tira a cidade do circuito a que ela pertencia, tira do povo o Festival de Inverno e depois acaba com a festa. Hoje participa do circuito das águas, só para não perder o ICMS turístico (E2, mariense, entrevista 23/05/2015).

Em razão das trocas de circuitos houve uma descontinuidade das políticas públicas de fomento da atividade turística, fato que gerou um descrédito da população. Tudo isso somado à questão da falta de planejamento estratégico, dificultam o desenvolvimento do setor.

Para Silva (2011, p.70b), na maioria dos circuitos, o planejamento é feito apenas para cumprir uma exigência e não para orientar ações, não ocorre o acompanhamento da Secretaria de Turismo de Minas Gerais (SETUR) quanto à adequação do plano e este acaba não sendo atualizado e muitas vezes, não é, nem mesmo seguido.

O regime jurídico do circuito turístico é público-privado. Se a ideia dos circuitos era a descentralização e a regionalização, esperava-se a atuação do poder local e da comunidade na organização e implementação de políticas que viabilizassem a atividade. Como não havia um planejamento que garantisse o sucesso das políticas da atividade turística de longo prazo (Oliveira, 2014, p.145), não houve interesse nem recursos financeiros da iniciativa privada para investir no setor. Tampouco os setores de hospedagem e entretenimento encontraram incentivos para crescer.

Observa-se que a cidade, não tem hoje, uma Secretaria de Turismo, o que dificulta a captação de recursos públicos para a atividade, dificultando seu desenvolvimento. Aliado a esse fato, some-se a falta de planejamento e estruturação. Em artigo de Oliveira (2014, p.130) observa-se que qualquer ação definida para o desenvolvimento do turismo pode ser influenciada por acontecimentos imprevistos, implicando impactos sociais. O autor relata que o aumento espontâneo do fluxo de turistas, em uma determinada região, pode dinamizar a economia local, gerar renda, emprego, maior circulação monetária e melhorar a infraestrutura do destino turístico. Um bom planejamento viabiliza o aumento dos fluxos turísticos, não de forma espontânea, mas de maneira organizada e previsível (Cruz, 2006, p.339).

Observa-se que esses turistas se encantavam com as belezas e o clima de montanha, pela cultura da oliva e pelo modo simples de vida do lugar.

A gente pensa que deve sim, vir gente de fora, porque só a população não promove sozinha, o desenvolvimento. Tem que vir pessoas com poder pra cá, pra cidade crescer. Só a população não consegue transformar isso aqui, por exemplo, numa Campos do Jordão. O pessoal que vem de fora e procura a gente, nós temos que re-

ceber bem para que essas pessoas se fixem aqui, para que a gente consiga transformar Maria da Fé numa cidade turística e prosperar (E7, mariense, entrevista 27/06/2015).

De todo o exposto, observa-se que a população local ainda deseja o desenvolvimento da atividade turística, e acreditam que os “de fora” mudarão esse cenário. Conclui-se que o turismo pode alterar a cena local no que tange à mobilidade (deslocamentos e fixação), mas isso pertence ao futuro.

3. Mobilidade e fixação em Maria da Fé

A pesquisa de Emmendoerfer (2014) revelou que a população desejava o fomento da atividade turística no município, o autor não demonstrou, todavia, se essa mesma população desejava que parte desse contingente de visitantes fixasse residência na localidade.

A busca da resposta a essa questão não esclarece se o contingente desejável é o de turistas, mas revela, outrossim, que os forasteiros de um modo geral são bem-vindos e que a população tem convicção de que estes podem não só viabilizar um projeto turístico para a cidade, mas também o seu desenvolvimento.

Os forasteiros, o pessoal daqui chama de “os de fora”, tem vindo só pra somar [...] tem vindo por causa das oliveiras, dos orgânicos, da qualidade de vida, do lugar bonito, com ar puro, no alto da montanha... ele é bem vindo! A chegada dos migrantes pra cá é muito positiva porque as pessoas que estão chegando estão gerando divisas (E2, mariense, entrevista 23/05/2015).

Observa-se também que a olivicultura, de certa

forma, atraiu turistas curiosos com a novidade no Brasil e favoreceu deslocamentos daqueles motivados a empreendê-la. De alguns relatos tem-se uma falsa noção de que os movimentos migratórios foram obras do acaso, no entanto, verifica-se que os outsiders vieram e se estabeleceram porque tinham o desejo de produzir olivas, embora no primeiro momento nem soubessem que a cidade era produtora, foi essa a força de atração.

Calhou de uma vez, a gente ir para a Itália e ficamos num lugar que tinha muita azeitona e eu queria ir embora pra Itália plantar azeitona. Eu vim pra ver a terra em Maria da Fé, forçada, porque eu queria a terra em São Francisco Xavier. Eu tava com raiva dele [o marido], não queria olhar pra ele, então fiquei olhando para o alto. De repente, achei que eu estava sonhando, vi azeitonas, então decidi ficar (E8, outsider, entrevista 10/10/2015).

A gente ajudou a organizar a feira orgânica em SP e lá nós conhecemos uma pessoa de Maria da Fé e ela nos trouxe para ver a vista, e quando nos vimos isso aqui, foi inevitável, compramos. Quando nós esperávamos a pessoa que nos mostraria a terra, numa sombra, na praça em Maria da Fé, olhamos para cima estávamos debaixo de uma oliveira. Tudo isso aqui era batata. E plantamos oliveiras e aquilo foi ficando mais sério. E pra mim essa altitude faz muito bem pra minha saúde (E9, outsider, entrevista 10/10/2015).

Preliminarmente, entende-se que o turismo em si não favoreça a mobilidade e não atraia movimentos migratórios para a cidade. Parte dos entrevistados se instalou na cidade, por motivações outras. Pode acontecer de o turista se sentir atraído pelo

lugar e por suas possibilidades como visitante, mas sua permanência, seu desejo de fixar residência, será determinado muito mais, por anseios pessoais, pelas relações humanas desenvolvidas e pelas trocas estabelecidas com a comunidade.

4. Diversidade e permanência

Ao contrário do que revela esse estudo sobre turismo como fator de mobilidade e fixação, a diversidade revela-se importante não só para os deslocamentos, mas principalmente como fator de fixação dos deslocados que chegam à cidade.

Observa-se que um número crescente de migrantes tem ido viver em Maria da Fé porque esta é apontada como uma das sete cidades sagradas do Brasil para os místicos. Embora seja predominantemente católica, sua população demonstra vocação para a alteridade e aceitação da diversidade.

Nunca o tema fé e mobilidade foi tão exaustivamente tratado como nos últimos anos (Marinucci, 2012, p.1). O mundo tem assistido atônito, demonstrações de força e barbárie, em nome desse sentimento. Mas nem todo processo de deslocamento, em nome da fé, deve ser duro e tortuoso, como se vê a seguir.

Em recente estudo, Marinucci (2012, p.3) leciona que no âmbito da sociologia da religião duas grandes temáticas são objetos de análise: a maneira em que as migrações interferem e modificam o universo religioso (individual ou sistêmico) e as formas como as religiões e a religiosidade dos migrantes incidem nas dinâmicas migratórias.

Observa-se em Maria da Fé traços de ambas as temáticas, uma vez que as migrações acabaram por interferir no universo religioso local, pois os migrantes trouxeram novos movimentos espirituais para a cidade, trazendo à tona um rico debate sobre diversidade, pluralismo e tolerância. Na outra ponta do fenômeno, estão os movimentos espiri-

tuais que levaram migrantes para a cidade.

O entrevistado E3 declara ter migrado para a localidade porque o seu tempo em São Paulo havia acabado e, pelo fato de participar da Eubiose, que propaga a crença que Maria da Fé é uma cidade sagrada, um chakra do planeta. Confessam que foram para a cidade, com um certo receio, um *“friozinho na barriga”*, talvez pela possibilidade de não serem aceitos ou expulsos pela maioria católica. No entanto relatam que foram bem acolhidos e carinhosamente recebidos pelo padre. Mas ressaltam que sempre mantiveram uma atitude de respeito com a cultura religiosa local.

Os deslocamentos podem representar uma oportunidade para a difusão de uma nova concepção espiritual, mas, ao mesmo tempo, um risco para sua preservação e para a aceitação do deslocado. O desenraizamento provocado pelo deslocamento gera nos migrantes a necessidade de uma reconfiguração identitária, que pode provocar o fortalecimento da própria corrente espiritual (com a adesão de locais), preconceito e marginalização, ou suscitar um novo olhar por parte da comunidade de recepção, no que tange a alteridade e tolerância (Marinucci, 2012, p.5).

Marinucci (2012, p. 5) explica que as migrações (mobilidade) não afetam apenas a religiosidade dos migrantes, mas também os sistemas de crenças e as tradições religiosas. O autor apresenta a abordagem do sociólogo italiano, Enzo Pace, que informa que as religiões são “sistemas vivos” que se modificam constantemente em comunicação com o ambiente social, religioso e cultural de referência. Aduz que os sistemas religiosos, em outros termos, interagem e se modificam buscando gerenciar a pluralidade e a imprevisibilidade dos ambientes externos em que se desenvolvem.

Observe-se que a interação leva a uma quebra de paradigmas no caso Maria da Fé. A alteridade gera o apaziguamento, a certeza de que a diversidade, por si só não pode ser uma ameaça às instituições estabelecidas.

Eu gosto dessa diversidade, não tem que segregar nada. Embora a igreja católica domine aqui, hoje está mais maleável, mais tolerante e abre as portas aos novos movimentos. O Brasil é um país de uma diversidade incrível. Antigamente tinha essa separação. Aqui, a Eubiose já está há mais de 20 anos, porque é uma cidade sagrada. Dizem que aqui é o santuário da pureza, tem um potencial holístico. Vem muita gente de fora por isso. E também por causa da estética da beleza, embora hoje a cidade esteja jogada, mas quando você começa a contemplar você percebe uma coisa diferente. Essa mentalidade da cidade sagrada veio com a Eubiose há muitos anos. Essa rua mesmo, chamava-se Shangri-lá em função dessa atmosfera mística⁴ (E5, mariense, entrevista 27/05/2015).

A dimensão religiosa, portanto, torna-se uma preciosa ferramenta de reinterpretação da realidade, na tentativa de conciliar o presente e o passado, num complexo e sofrido processo de “negociação identitária”. A racionalidade religiosa, longe de criar barreiras, pode também promover o diálogo e o encontro com a diversidade, bem como maior coesão social. (Marinucci, 2012, p.8).

Além do movimento espiritualista da Eubiose, destaca-se a Universidade Holística do Brasil, instalada em Maria da Fé em 1998. Observe-se que, embora tenha havido um momento de tensão inicial, percebe-se que após o apaziguamento houve uma abertura à diversidade. Os depoimentos revelam que o sacerdote local teve importante papel na integração e acolhimento desses migrantes. Apesar de saber que estes ali estavam em razão de suas convicções religiosas, demonstrou abertura e

afetividade. Conclui-se que se o representante da religião dominante local estava aberto aos novos movimentos, não restava aos seus seguidores outro caminho, senão acolher e respeitar também.

No entanto retoma-se adiante a questão: a comunidade aceita a diversidade porque é aberta ao novo, como amplamente declarado pelos marienses, ou por curiosidade, para saber do que se trata. Parece haver um pouco de cada.

Dos depoimentos dos entrevistados se constata que para além da questão espiritual, o entrevistado E11 manifesta sua homossexualidade e afirma não encontrar distinção ou qualquer tipo de segregação perante a religião dominante local, nem mesmo da comunidade em geral, ao contrário, afirma, ter sido acolhido de braços abertos. Marinucci (2012, p.3) ressalta como a religião pode ser um importante recurso simbólico para o processo de integração dos migrantes na sociedade de recepção. Mas para que isso aconteça é necessário que o sistema religioso, bem como a religiosidade individual dos migrantes passe por importantes modificações, em decorrência da interação com a alteridade e a diversidade do novo ambiente sociorreligioso e cultural.

Motivadas pela vocação à alteridade e respeito à diversidade demonstrada pela comunidade, as pessoas têm ido viver lá e isso é um fator de permanência, pois se constata dos depoimentos que, se ali não pudessem ter praticado seus rituais, suas crenças, ou ser quem são de verdade, os migrantes não teriam se fixado.

5. Conclusão

Conclui-se que a mobilidade em Maria da Fé não é determinada pela atividade turística e nem pelos movimentos de turistas, uma vez que dos anos 1990 até a atualidade a atividade ainda não alcançou o patamar de desenvolvimento esperado pela população. Infere-se que deslocamentos e

⁴A casa onde era um centro místico hoje, é a galeria de um artista local e atualmente a rua chama-se Darcy Cardoso.

permanência nessa localidade não estão ligados ao turismo diretamente, mas percebe-se que pessoas que estiveram na cidade a passeio, hoje ali estão empreendendo a olivicultura ou vieram praticar suas crenças, ou mesmo em busca de qualidade de vida.

A mobilidade interfere e modifica o universo religioso da comunidade de acolhimento, ao menos no que tange à alteridade e respeito à diversidade. E o universo religioso também interfere nas dinâmicas da mobilidade, pois no caso específico, das migrações em Maria da Fé, pode-se dizer seguramente, que parte dos deslocamentos foi motivada por questões religiosas. As pessoas ali permaneceram porque foram aceitas com todos os seus matices, sejam espirituais ou não.

Por fim compreende-se que a atividade turística não interfere de forma direta nos movimentos das pessoas que vão viver ali e muito menos em sua fixação na cidade. Indiretamente, no caso específico de pessoas que foram passear e se encantaram pela cultura da oliva, o que as atraiu não foi a atividade turística, mas sim a possibilidade de empreender na novidade que representa a olivicultura no Brasil. No entanto o respeito à diversidade, a vocação à alteridade e tolerância demonstrada pela cidade interfere sobremaneira na mobilidade e fixação dos outsiders, pois dos depoimentos acima conclui-se que se os migrantes não pudessem praticar livre-

mente sua fé ou viver livremente, conforme seus princípios ali não teriam permanecido.

Referências

- Alberti, V. (2013). *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV editora.
- Cruz, R. C. (2006). Planejamento governamental do turismo: convergências e contradições na produção do espaço. In: Lemos, A. I. G; Arroyo, M; Silveira, M. L. (org.) *América Latina: cidade, campo e turismo*. São Paulo: CLACSO, 337-350.
- Emmendoerfer, M. L. (2014). Análise do desenvolvimento turístico e da denominação designada pelo governo para qualificar as cidades como destinos indutores de turismo em Minas Gerais, Brasil. *RT&D - Revista Turismo e Desenvolvimento*, n. 21-22, pp. 139-151.
- Leandro, A. (2016). *Movimentos migratórios contemporâneos em Maria da Fé – MG (1990-2015)*. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade), São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi.
- Marinucci, R. (2012). Migrações dos féis e a mobilidade das religiões. *Anais 36º ANPOCS*, São Paulo.
- Pimenta, R. O. (1988). *O povoamento do planalto da Pedra Branca, Caldas e Região*. São Paulo: [s.n.].
- Prado Junior, C. (1965). *Formação do Brasil contemporâneo*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- Rouchou, J. (2008). *Noites de verão com cheiro de jasmim*. Rio de Janeiro, FGV ed.